Postura dos universitários de Passo Fundo em relação à contracepção e prevenção de DSTs

Contraceptive knowledge and behavior among Passo Fundo college students

KAREN OPPERMANN – Professora Titular de Ginecologia e Obstetrícia da Faculdade de Medicina da UPF. Doutora em Medicina pela UFRGS.
DANITZA THOMAZI GASSEN – Acadêmica do 6º ano da Faculdade de Medicina da UPF.
JOÃO ISIDRO FRACASSO – Acadêmico do 6º ano da Faculdade de Medicina da UPF.
LEILA CÁCIA DA ROSA – Residente em Ginecologia e Obstetrícia da FFFCMPA.

✉ Endereço para correspondência:
Karen Oppermann
Rua Teixeira Soares, 885 – Conj. 704
99010-081 Passo Fundo – RS, Brasil
Fone (54) 311 6677
karenopp@terra.com.br

SINOPSE

Objetivos: Estimar a prevalência do uso de métodos contraceptivos, o conhecimento sobre prevenção de DSTs e fatores de risco associados, comparando universitários das faculdades de Medicina, Odontologia e Educação Física da UPF.

Metodologia: Estudo transversal com dados coletados sob a forma de um questionário anônimo, respondidos em sala de aula que avaliava o perfil sexual dos acadêmicos, bem como o conhecimento geral sobre contracepção e DSTs. Os questionários foram codificados e analisados no programa SPSS.

Resultados: A amostra constou de 964 universitários, representando 88% dos alunos matriculados. A média de idade dos alunos foi de 21,7 ± 3,1 anos. Quanto ao início das relações sexuais, a média de idade foi de 16,4 ± 2,4 anos. Verificou-se que 7,2% da amostra já havia tido DSTs. Dos acadêmicos com atividade sexual, 45,8% usavam anticoncepcional oral e 36,4% condom. Apenas 16,6% responderam que sempre usavam condom. Do total, 92% se consideraram bem informados sobre prevenção de DSTs e gestação. Alunos da faculdade de Medicina tiveram maior número de acertos quando questionados sobre quais os fatores de risco para câncer de colo uterino ($p < 0,000$) e, quando questionado idade em que deve ser iniciada anticoncepção, Medicina e Odontologia tiveram maior número de acertos ($p < 0,000$).

Conclusão: O número de acertos foi alto para a maioria das questões sobre indicação de anticoncepção e fatores de risco para DSTs. Apesar da maioria dos acadêmicos considerarem-se bem informados, o uso de condom entre universitários foi pouco freqüente, podendo contribuir para o aumento de DSTs.

UNITERMOS: Anticoncepção, Doenças Sexualmente Transmissíveis, Universitários, Conhecimento, Comportamento.

ABSTRACT

Purpose: *To estimate the contraceptive methods prevalence, the knowledge about sexually transmitted diseases (STD) and risk factors associated, comparing colleges of Medicine, Odontology and Physical Education of Passo Fundo University.*

Methods: *A transversal study with data collected by an anonymous questionnaire that were answered in classroom. The questionnaire evaluated the college sexual behavior, as well as the knowledge about contraception and STD. The data were codified and analysated in the SPSS program.*

Results: *The sample consisted of 964 colleges, totalizing 88% of the matriculated academics. The mean age was 21,7 (3,1 years. Furthermore, the mean age of beginning sexual relationships was 16,4 (2,4 years. It was verified that 7,2% of the sample have already had STD. About 45,8% of the colleges with sexual relationship have used oral contraceptive and 36,4% have used condom. Just 16,6% of those group answered that they have always used condom. Of the total, 92% considered themselves adequately informed about STD and pregnancy. Medicine academics had the most right answers when were questioned which the risky factors for cervical cancer ($p < 0,000$) and when questioned about the age to begin the use of oral contraceptive, Medicine and Odontology had the most right answers ($p < 0,000$).*

Conclusions: *The number of right answers were elevated for almost all questions about indication of contraception and risky factors to STD. Besides the great number of colleges consider themselves adequately informed, the condom usage among the academics were little frequent. It could contribute to increase the number of SID.*

KEY WORDS: *Contraception, Sexually Transmitted Diseases, Colleges, Knowledge, Behavior.*

INTRODUÇÃO

Os jovens têm sido alvo de preocupação de saúde pública relacionada à atividade sexual precoce, à gravidez não planejada e à contaminação por doenças sexualmente transmissíveis (DSTs). O uso de contraceptivos adequados é altamente efetivo na prevenção de DSTs e no planejamento familiar. Estudantes da área da saúde possivelmente se previnam mais contra DSTs do que estudantes de outras áreas, uma vez que os currículos daqueles estabelecem maior conhecimento em relação às DSTs e aos métodos para preveni-las.

Embora o conhecimento do uso de condom para prevenção de DSTs esteja largamente propagado, a prevalência de uso deste ainda está aquém do esperado. Estudos recentes indicaram que a maioria dos estudantes possui um conhecimento teórico correto sobre as medidas preventivas contra DSTs e que provavelmente existam fatores relacionados à educação ou culturais que impedem os universitários fazerem uso das medidas preventivas que conhecem (1,2). Machado e colaboradores não encontraram diferenças em relação ao curso realizado (1). Em outro estudo americano, os resultados mostraram que cerca da metade dos estudantes solteiros não tinham usado condom na última relação sexual (3). Nos EUA ocorrem, anualmente, 12 milhões de

novos casos de DSTs, dois terços deste total ocorrendo em jovens com menos de 25 anos (4).

Em estudo transversal realizado em Passo Fundo, em 1998, com 329 alunos sorteados entre a 5ª série e a 1ª séries do II Grau notou-se que somente 58,5% dos estudantes com vida sexual ativa usavam condom e apenas 8,5% usavam condom com contraceptivos orais (5). O problema do pouco uso de condom inicia-se cedo, na adolescência e, portanto, poderia se esperar que o uso do condom fosse maior entre universitários por terem mais idade e anos de estudo.

Em pesquisa realizada com residentes em Ginecologia e Obstetrícia, os autores encontraram uma alta prevalência de uso de anticoncepcional oral (ACO) e condom entre os residentes, uma vez que as residentes usavam mais ACO que as parceiras dos residentes e o uso de condom foi mais significativo entre os residentes que entre os parceiros das residentes mulheres (6).

Uma pesquisa neo-zelandesa com acadêmicos de Medicina avaliou o conhecimento sexual durante a graduação, baseando-se em perguntas sobre sexualidade em geral; os resultados mostraram que o conhecimento aumentava com o decorrer do curso. Outros artigos também confirmam esse resultado, porém demonstram uma discrepância entre o conhecimento e o comportamento sexual dos acadêmicos (7, 8, 9).

Um estudo atual indica que universitárias da área médica têm um comportamento sexual de risco maior que as mulheres em geral, porém fazem um melhor uso dos métodos contraceptivos (10).

A prevenção desses problemas que abrange a sexualidade do jovem deve iniciar visando à melhora da educação nas escolas e no âmbito universitário. Conhecendo-se o perfil dos nossos futuros profissionais em diferentes áreas e estimulando-se a adequada contracepção para estes universitários, poder-se-ia melhorar a aderência dos jovens à apropriada contracepção, diminuindo-se a prevalência de DSTs e gestações não planejadas.

Assim, este estudo visou a estimar a prevalência do uso de métodos contraceptivos, o conhecimento sobre prevenção de DSTs e fatores de risco associados, comparando universitários das faculdades de Medicina, Odontologia e Educação Física da Universidade de Passo Fundo no decorrer de seus cursos.

MATERIAIS E MÉTODOS

Este estudo foi realizado na Universidade de Passo Fundo entre todos os alunos (n=1.095) matriculados nas faculdades de Medicina, Educação Física e Odontologia. Os dados foram coletados no período entre março e julho de 2000, sob a forma de um questionário anônimo respondido em sala de aula, com a devida permissão do professor e sob autorização do diretor da faculdade em questão. Primeiramente, os acadêmicos eram orientados quanto à importância da veracidade das respostas, bem como do propósito do estudo. Os questionários eram então distribuídos para os alunos presentes, respondidos e após depositados numa urna lacrada. Os alunos presentes assinavam uma lista que posteriormente era comparada com a lista dos alunos matriculados na disciplina em questão e os ausentes eram novamente procurados. Considerou-se perda se, após 3 tentativas, o aluno não fosse encontrado.

O questionário consistiu de 17 questões, todas de escolha simples e divididas em três partes. A primeira parte constava de 11 perguntas, incluindo: idade, sexo, prevalência de estudantes com vida sexual ativa, a idade de início das relações sexuais (IRS), uso de métodos contraceptivos e por quem foi orientado, número de parceiros nos últimos 12 meses, uso de condom isoladamente ou associado a outro método, prevalência de DSTs no decorrer da vida. A segunda parte do questionário consistiu de cinco questões, cada uma com cinco alternativas, com a finalidade de avaliar o conhecimento dos universitários a respeito de prevenção de DSTs e uso de métodos contraceptivos (Tabela 1). Essas variáveis foram estudadas em relação à primeira e segunda metade dos cursos. A terceira e última parte avaliou a freqüência de consultas ginecológicas.

Consideraram-se 3 ou mais parceiros nos últimos 12 meses como fator de risco para DST e vida sexual ativa pelo menos uma relação sexual nas últimas quatro semanas.

Os questionários foram codificados e criou-se um banco de dados no programa SPSS, procedendo-se, posteriormente, à análise dos mesmos. Utilizou-se o teste do Qui-Quadrado e considerou-se significativo um $p<0,05$ para associação com tipo de curso e faixa etária. Também foram utilizados testes de associação para questões que abordavam o tipo de métodos contraceptivos escolhidos e a prevalência de DSTs. O teste de t de Student ou ANOVA foi utilizado para as variáveis contínuas (idade, idade do início das relações sexuais).

Tabela 1 – Questões de conhecimento

Perguntas	Respostas
Qual é o método de escolha para evitar gestação na adolescência?	Anticoncepcional oral
Qual é o método de escolha para evitar DSTs?	Condom
Quais são os fatores de risco para o câncer de colo uterino?	Número de parceiros, início precoce das relações sexuais, vírus HPV e vírus HIV
Se romper a camisinha você sabe o que fazer em relação à anticoncepção?	Pílula de emergência e anticoncepcional oral em doses apropriadas
Qual é a idade em que se deve iniciar a anticoncepção para meninos e meninas?	Quando iniciarem as relações sexuais

RESULTADOS

A amostra obtida foi de 964 universitários, representando 88% do total de 1.095 universitários dos cursos analisados, sendo 293 (30,3%) do curso de Medicina, 324 (33,6%) da Odontologia e 347 (36%) da Educação Física. Houve um total de 5 questionários não respondidos.

Do total da amostra, 50,5% era do sexo masculino e 49,5% do sexo feminino. A média de idade foi de 21,5 ± 2,5 anos para o curso de Medicina, 21,2 ± 2,3 anos para Odontologia e 22,4 ± 4,0 anos para o curso de Educação Física. A moda foi de 20 anos.

Da amostra analisada, 91,7% já haviam tido relação sexual. Destes, a média de idade de início das relações sexuais (IRS) foi de 16,4 ± 2,4 anos, sendo que não houve diferença significativa entre os cursos estudados (Tabela 2). Ao analisar o IRS, verificou-se que no sexo masculino o IRS é mais precoce, com 15,6 ± 2,1 anos, quando comparado ao sexo feminino, com 17,2 ± 2,1 anos, p<0,0000.

Observou-se que dos universitários com atividade sexual, 84,6% usavam métodos contraceptivos; desses, 45,8% usavam anticoncepcional oral, 36,4% usavam condom e 7,9% a associação desses dois métodos e 9,9% usavam outros métodos (Figura 1).

Quanto ao uso de condom nos sexualmente ativos, 16,6% da amostra respondeu que sempre usava, 60,1% usava às vezes e 23,4% respondeu que nunca usava. Não houve diferença significativa entre as faculdades (p=0,29). Observou-se, ainda, que na segunda metade dos cursos, houve um aumento na freqüência do uso inconstante de condom (Figura 2).

Analisando-se quanto ao gênero, 11,4% dos acadêmicos do sexo masculino relataram usar condom em todas as ocasiões, em relação a 22,7% das acadêmicas (p<0,000). Na questão "você exige o uso de condom?", 67,9% dos homens sexualmente ativos responderam que sim, contra 46,7% das mulheres (p<0,000), e na questão "o condom é oferecido por você?", 80,8% dos homens sexualmente ativos responderam que sim, contra 16,9% das mulheres (p<0,000).

Quando questionado o número de parceiros nos últimos 12 meses, 40,9% dos homens e 5,6% das mulheres relataram ter tido 3 ou mais parceiros (p<0,000). Verificou-se que 7,2% da amostra já havia tido doença sexualmente transmissível (DST), sendo as mais freqüentes gonorréia e clamídia. Os acadêmicos do sexo masculino tiveram mais DSTs que do sexo feminino (p=0,023) (Tabela 3).

Das universitárias, 91,5% já haviam consultado o ginecologista. Destas, 80,8% consultam regularmente (no mínimo uma vez ao ano) e 19,2% consultam menos de uma vez ao ano. O curso de Medicina foi o que teve mais universitários que consultaram o ginecologista, sendo 97,2% p=0,0016.

Noventa e dois por cento dos alunos consideraram-se bem informados sobre prevenção de DSTs e gestação; destes, 96,5% nos cursos de Medicina e Odontologia e 83,5% no curso de Educação Física (p<0,000).

Não houve diferença significativa para respostas corretas entre as faculdades quando questionado qual o melhor método para evitar gestação na adolescência, qual o melhor método para evitar DSTs e quando se deve iniciar contracepção na adolescência. Quando questionado ¨quais os fatores de risco para câncer de colo uterino¨, os alunos da faculdade Medicina obtiveram o maior número de acertos, com 42,5% (p<0,000), e , na questão "o que

Tabela 2 – Média de idade e IRS

	Medicina	Odontologia	Ed. Física
Número de universitários	293	324	347
Idade (anos)	21,5±2,5	21,2±2,3	22,4±4,0
IRS (anos)	16,5±2,0	16,4±2,1	16,4±2,3

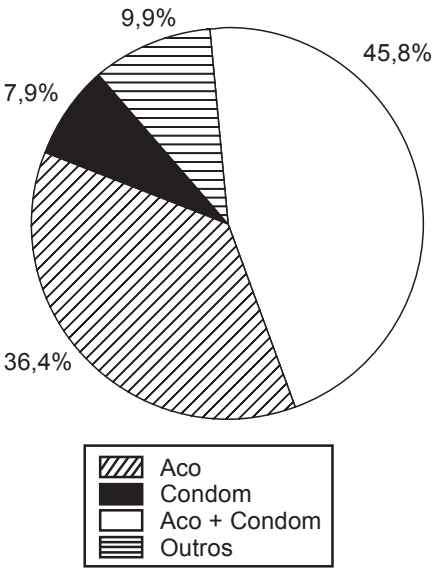


Figura 1 – Prevalência de métodos contraceptivos em sexualmente ativos.

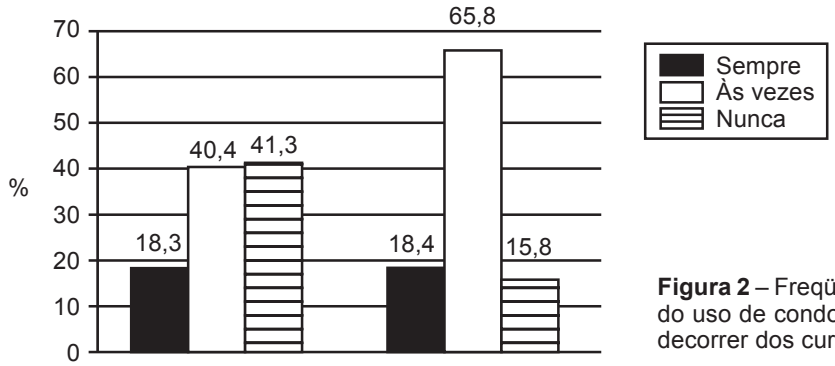


Figura 2 – Freqüência do uso de condom no decorrer dos cursos.

Tabela 3 – Fatores de risco e prevalência de DST quanto ao sexo

	Masculino	Feminino	p
Número de universitários	474	464	
Três ou mais pacientes nos últimos 12 meses	40,9%	5,6%	0,000
IRS	15,6 ± 2,1	17,2 ± 2,1	0,000
Freqüência do uso constante de condom	11,3%	25,9%	0,000
Prevalência de DST	8,8%	5%	0,000

fazer quando romper o condom", os alunos de Medicina e Odontologia tiveram maior número de acertos (37,5% e 39,9%, respectivamente) em relação aos alunos de Educação Física, p < 0,000 (Tabela 4).

Ao se analisar a freqüência de acertos comparando início e fim dos cursos, observou-se que na faculdade de Medicina houve um aumento significativo quando questionado contracepção de emergência, sendo 76,8% no início e 97,9% no fim (p=0,000), e fatores de risco para câncer de colo uterino, sendo 16% no início e 69,2% no fim (p=0,000) (Figura 3).

No curso de Odontologia, houve uma diminuição significativa para respostas corretas quando questionado qual o melhor método para evitar gestação na adolescência, sendo 47,8% no início do curso e 32,6% no final (p=0,006). No curso de Educação Física não houve diferença significativa para respostas corretas comparando início e fim do curso.

DISCUSSÃO

Estudantes universitários serão futuros profissionais geradores de opinião e distribuidores de conhecimento. Seria fundamental que esta população tivesse postura apropriada na prevenção de prejuízos à saúde.

Tabela 4 – Freqüência de acertos nos diferentes cursos

	Medicina (%)	Odontologia (%)	Ed. Física (%)	p
Quando iniciar contracepção	82,9	79,3	76,1	0,11
O que fazer se romper o condom	87,3	84,3	46,7	0,00
Fatores de risco CA colo	42,5	4,5	1,3	0,00
Melhor método para evitar DST	92,3	88,1	88,2	0,16
Melhor método para evitar gestação na adolescência	36,3	41,3	43,6	0,17

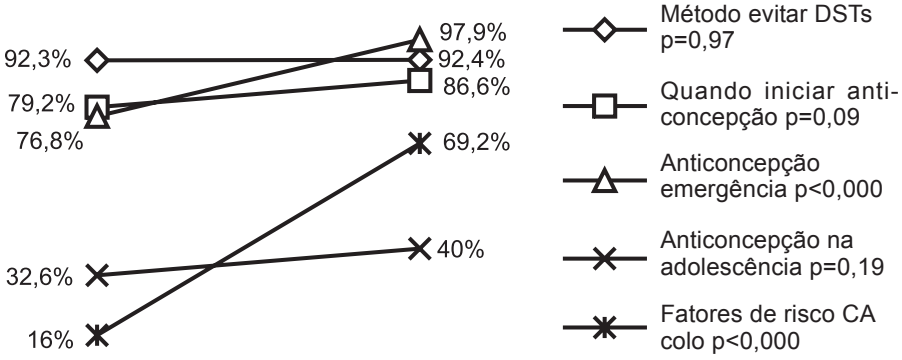


Figura 3 – Porcentagem de acertos das questões de conhecimento no curso de Medicina.

Os cursos de Medicina, Educação Física e Odontologia foram escolhidos por não terem uma grande diferença quanto à distribuição dos gêneros dos alunos matriculados e também para uma posterior avaliação do pressuposto de que estudantes da área da saúde se previnam mais contra DSTs e gestação.

No Ocidente, a idade média de IRS encontra-se em torno de 16 anos, sendo que para os rapazes o início ocorre em torno de 6 meses antes das moças (15). Aggarwal e cols. encontraram uma média de idade de IRS de 17 anos para ambos os gêneros (13). Isso equivale aos achados do presente estudo, onde a média obtida foi de 15,6 e 17,2 anos para mulheres e homens, respectivamente. Há uma tendência de novas gerações iniciarem mais precocemente as relações sexuais, observando-se atualmente um início de 12,2 anos para meninos e 14,4 anos para meninas em adolescentes de Passo Fundo (5).

O uso de condom foi considerado pouco prevalente, pois apenas 31,8% dos acadêmicos responderam que usam condom em todas as relações. Este achado condiz com outros estudos abrangendo universitários que mostraram taxas de 33% de uso em relações sexuais com indivíduos de alto risco (11) e taxas de 30% em acadêmicos que tinham usado condom na última relação sexual (12). Surpreendentemente, ao comparar-se a taxa de uso de condom entre universitários de Porto Alegre publicada em 1987 (17), não houve aumento significativo da prevalência do uso do método. Observou-se ainda que no final do curso a prevalência de alunos que nunca usam condom diminuiu. Infere-se que houve uma maior conscientização da necessidade do uso com o andamento do curso.

A prevalência de DSTs mostrou-se um pouco maior em outros estudos. McDonald e cols. relataram 10,6% e 24,2% para mulheres e homens universitários, respectivamente (14), comparado com 5% e 8,8% desse estudo.

Os acadêmicos do sexo masculino apresentaram um comportamento se-

xual de risco mais freqüente do que o sexo feminino, pois relataram IRS mais precoce que as acadêmicas, usam menos o condom e têm maior número de parceiros sexuais, o que pode traduzir-se pela maior freqüência de DSTs encontrada. Apesar de os universitários do sexo masculino exigirem e oferecerem mais o uso de condom, as universitárias relataram usá-lo mais. Estudo publicado recentemente observou que o sexo masculino apresentou uma chance 4,9 vezes maior que o sexo feminino de ter conduta de risco para HIV (16).

Notou-se que a maioria (92%) dos universitários julgou-se bem informada a respeito de prevenção de DSTs e gestação. Supõe-se que os acadêmicos de Medicina tenham mais acesso a tais informações, com disciplinas específicas sobre o assunto quando comparados aos estudantes de Odontologia e Educação Física.

Observou-se que o curso de Medicina obteve o maior número de acertos quando questionados quais os fatores de risco para câncer de colo uterino, e Medicina e Odontologia obtiveram o maior número de acertos quando questionado o que fazer se romper o condom. Relacionando-se início e fim, no curso de Medicina o conhecimento aumentou quando questionado contracepção de emergência e fatores de risco para câncer de colo. Entretanto, este aumento não se observou em nenhuma questão nos cursos de Ed. Física e Odontologia.

Observou-se que, apesar de o curso de Medicina abranger disciplinas específicas sobre sexualidade e contracepção em seu currículo e ter tido mais acertos nas questões de conhecimento, não houve diferença significativa quanto à atitude de prevenção dos fatores de risco para DSTs e gestação entre os cursos (número de parceiros sexuais, IRS e prevalência do uso de condom). Chama-se a atenção para o baixo índice de uso de contraceptivo oral associado ao condom entre os universitários (7,9%). Estes achados sugerem que durante o período universitário, as informações são insuficientes para adotar-se conduta profilática em relação à reprodução.

Concluiu-se que os cursos que abrangem em seus currículos matérias específicas sobre sexualidade, DSTs e métodos contraceptivos têm maior conhecimento sobre o assunto e, apesar de a maioria dos universitários considerarem-se bem informados, os alunos dos cursos em específico não se previnem corretamente para evitar DSTs e gestação.

A maioria dos trabalhos que avaliaram conhecimento e comportamento sexual em universitários demonstraram a necessidade de intervenções específicas na educação sexual dos acadêmicos, incluindo uma implementação no currículo das faculdades, especialmente daquelas fora da área médica (11,13, 14, 15).

Assim, torna-se necessário estabelecer medidas de ensino que possam proporcionar aos acadêmicos maior conscientização para mudança de atitudes, a fim de evitar DSTs e gestação, especialmente numa época em que as gestações não planejadas e as DSTs, principalmente o vírus HIV, assumem grandes proporções.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. MACHADO AA, GIR E, DUARTE G, ANDREGHETTO AC, PEZZA VV. Avaliação do conhecimento sobre DSTs e AIDS entre universitários de Ribeirão Preto/SP. DST j. bras. doenças sex. transm. 1997; 9 (6):12-6.
2. SINGH K, FONG YF, RATNAM SS. Attitudes to AIDS and sexual behavior among a cohort of medical students of Singapure. Singapour Med J 1992 33 (1):58-62.
3. PATRICK K, COVIN JR, FULOP M, CALFAS K, LOVATO C. Health risk behaviors among college students. J-Am-Coll-Health 1997; 45(6):265-72.
4. SOUZA HMTP, SADIGURSKY CA. Comportamento sexual em estudantes universitárias. Anais 6o Congresso Brasileiro de Ginecologia e Obstetrícia da Infância e Adolescência 2000; P 020:49.
5. OPPERMANN K, COSTA VA, MAGRIN S, COLLET R. Anticoncepção na adolescência: prevalência de conhecimento e de uso de métodos contraceptivos entre estudantes de Passo Fundo. Anais 6º Congresso Brasileiro de Ginecologia e Obstetrícia da Infância e Adolescência 2000; TL 019:70.
6. WINDSOR AM, JULIAN TM. Sexuality, reproduction, and contraception among residents in Obstetrics and Gynecology. Obstet.-Gynecol. 1995; 85:787-92.
7. ELSTEIN M, DENNIS KJ, BUCKINGHAM MS. Sexual Knowledge and Attitudes of Southampton Medical Students. The Lancet 1997; 3:495-496.
8. REPOSSI A, ARANEDA JM, BUSTOS L, PUENTE C, ROJAS C. Sexual behavior and contraceptive practices among university estudents. Rev Med Chi 1994; 122 (1): 27-35.
9. ALZATE H. Effect of formal sex education on the sexual knowledge and attitudes on Colombian medical students. Arch Sex Behav 1982; 11 (3) 201-14.
10. RIAIN A. Increasing the effectiveness of contraceptive usage in university students. Eur. J. Contracept. Reprod Health Care 1998; 3 (3):124-8.
11. TEKA T. AIDS related knowledge and behaviours among college students. Ethiop Med J 1997; 35(3):185-90.
12. AGGARWAL O, SHARMA AK, CHHABRA P. Study in sexuality of medical college students in Índia. J Adolesc Health 2000; 26 (3):226-9.
13. DOUGLAS KA, COLLINS JL, WARREN C et al. Results from the National College Health Risk Behavior Survey. J-Am-Coll-Health 1997; 46 (2):55-66.
14. RAMINI F. Insufficient sex education in Medicine. Acta Psiquiatr Psicol Am Lat 1992; 38 (2): 123-30.
15. MC DONALD NE, WELLS GE, FISCHER WA, WARREN WK, KING MA, DOHERTY JA. High-risk STD/HIV behavior among college students. JAMA 1990; 263 (23):3155-9.
16. PICCOLI CSP, STEIN AT, PIVA JP. Grau de conhecimento e comportamento de universitários gaúchos em relação à HIV/AIDS. Revista da AMRIGS 2001; 45:27-32.
17. SOUZA RP, ALMEIDA AB, WAGNER MB, ZIMERMAN II, ALMEIDA SB, GONÇALVES FK, ZIMERMAN LI, ROSA RS. Estudo sobre comportamento sexual do jovem universitário de Porto Alegre (UFRGS e PUC/RS). Revista da AMRIGS 1987; 31 (3):203-7.